

Danieli dos Santos PIMENTEL¹
Luiz Guilherme dos SANTOS JUNIOR²

Recebido: 5/2/2023
Aprovado: 25/4/2023

RESUMO

A produção literária de Sophia Andresen é diversificada no que diz respeito ao conjunto dos textos produzidos em diferentes fases de sua trajetória. E por esse motivo, diverge bastante de uma obra para outra. Assim, optamos pela produção mais recente da segunda metade do século XX, e, para tanto, selecionamos um conjunto de poemas a partir das obras: *O nome das coisas* (1977); *Dual* (1977) e *Geografia* (1990), sobretudo aqueles que recriam os espaços da Casa como extensão poética e memorialística. Pessoas, objetos e diferentes lugares de memória espraiam-se nas divagações de diferentes vozes líricas que recriam aquilo que Gaston Bachelard cunhou de *Poética do espaço*. Desse modo, o artigo procura apresentar, à luz do pensamento bachelardiano, os diferentes espaços de memória na poética de Sophia Andresen.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço. Memória. Poesia.

SOPHIA ANDRESEN: THE HOUSE, THE BASEMENTS OF MEMORY AND THE MEANING OF THE CABIN

ABSTRACT

Sophia Andresen's literary production is diversified with regard to the set of texts produced in different stages of her trajectory. And for that reason, it differs greatly from one work to another. Thus, we opted for the most recent production of the second half of the 20th century, and, for that, we selected a set of poems from the works: *The name of things* (1977); *Dual* (1977) and *Geography* (1990), especially those that recreate the spaces of the House as a poetic and memorialistic extension. People, objects and different places of memory spread out in the ramblings of different lyrical voices that recreate what Gaston Bachelard called the *Poetics of Space*. Thus, the article seeks to present, in the light of Bachelardian thought, the different spaces of memory in Sophia Andresen's poetics.

KEYWORD: Space. Memory. Poetry.

INTRODUÇÃO

O dia 02 de julho do ano de 2004 assistiu a morte de uma das maiores vozes da poesia portuguesa do século XX, a poeta Sophia de Mello Breyner Andresen. A autora nasceu na cidade do Porto no ano de 1919, e, desde cedo, alimentou sua paixão pela oralidade. Data dessa época o contato que teve com o antigo poema *Nau Catrineta* do cancionero popular. Desfrutou ainda de uma vida

¹ Professora Adjunta da UFPA Campus Marajó Breves. Pós-doutora em Educação pela Universidade do Estado do Pará. Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Pará, com período sanduíche no Programa de Pós-graduação em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

² Pós-doutor em Artes (PROFARTES-UFPA). Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor Adjunto do Curso de Letras do Campus Universitário do Marajó-Breves (UFPA). PIMENTEL, Danieli dos Santos; SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme dos. Sophia Andresen: a casa, os porões da memória e o sentido da cabana. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

economicamente farta no seio da família, e o contato com a literatura adveio da sua relação com o avô.

Já adulta, a vida artística progrediu e ela se tornou aluna de Filologia Clássica da Faculdade de Letras de Portugal. Não finalizou o curso, no entanto, suas ideias serão profundamente marcadas pelo amplo conhecimento acadêmico. A poeta sempre se dedicou ao estudo da cultura e da política de seu tempo. Fez, além disso, incursões nos mais variados gêneros como: a prosa, a poesia, ensaios, sem com isso deixar de exercer a escrita teatral com *O Bojador* (1961) e a literatura infanto-juvenil. Desta fase, resultam as obras: *O Rapaz de Bronze* (1956); *A menina do Mar* (1958); *A Fada Oriana* (1958); *A Noite de Natal* (1960); *O Cavaleiro da Dinamarca* (1964); *A Floresta* (1968); *O Tesouro* (1979) e *A Árvore* (1985). Em meio ao rico celeiro, seu ofício poético alia-se à intervenção política e social. Muitos ensaios de autoria de Sophia Andresen como *Dual* e *O nome das coisas* versam sobre o trabalho de criação, o que daria um estudo à parte – não por acaso, a autora dá nomes como: *Arte Poética*, ou *Poesia e Revolução*.

O arcabouço desse ofício poético acompanha a atividade pública que a escritora exerce nas atividades de seu país; a militância contra o regime salazarista torna-se uma luta diária. Por essa época, já filiada ao Partido Socialista, integra no ano de 1976 a Assembleia Constituinte do Porto. Daí em diante, exerce, simultaneamente, os dois projetos, o veio literário e a intervenção política. Márcia Barbosa (2001, p. 60) menciona a relação da poesia de Sophia Andresen com a história do país:

Esses traços podem ser identificados na Obra poética de Sophia Andresen inclusive quando ela aborda temas que possuem relação com a história de seu país. Tal é o caso daqueles textos que registram, em tom de crítica e lamento, os efeitos da ditadura em Portugal e/ou projetam para a nação um futuro de liberdade, alegria e beleza, tempo-espço.

Reside no projeto estético de Sophia Andresen uma constelação de temas. Logo, nos aventuramos nas diferentes vertentes de sua poética; certamente, nos deparamos com os mitos de fundação, nacionalidade e identidades portuguesas. O Mar e a expansão ultramarina estão assim dispersos em um número considerável de poemas que versam sobre o tema: *Dia do Mar* (1947); *Coral* (1950); *A Menina do Mar* (1958); *Dual* (1977); *Navegações* (1983) *No tempo dividido e Mar novo*³ (1985); *Ilhas* (1989); *Geografia* (1990); *O búzio de Cós e outros poemas* (1997), dentre outros.

³ Esta obra passou por algumas reformulações no âmbito da estrutura. A obra *No tempo Dividido* (1954) e *Mar Novo* (1958) contaram com publicações separadas. No entanto, segundo as palavras da própria autora, são obras que pertencem ao mesmo ciclo e formam um único livro. Daí o fato de terem sido, posteriormente, reunidas num único volume – *No tempo Dividido e Mar Novo* (1985).

PIMENTEL, Danieli dos Santos; SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme dos. Sophia Andresen: a casa, os porões da memória e o sentido da cabana. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

Nesse sentido, a temática do “mar” em Sophia Andresen exerce um forte sentimento de solidão, desterro, exílio, abandono, e, mais adiante, encarna-se na espera e na saudade trazidas pelas viagens e as constantes guerras. A sua fase mais nebulosa revela temas de abandono e dos laços interrompidos; lacunas de um passado esfacelado revelam diferentes estados de alma como vemos no poema *Cais*: “Para um nocturno mar partem navios, / Para um nocturno mar intenso e azul/Como um coração de medusa/Como um interior de anêmona [...]” (ANDRESEN, 1985, p. 88).

Nesse sentido, Sophia Andresen exercita uma escrita da violência e da dor, ao mesmo tempo em que interroga a existência humana por meio de reflexões sobre o Exílio e o Rosto – “Exilamos os deuses e fomos/Exilados de nossa inteireza”. Muitos poemas nascem sob a égide do Exílio e perfazem um tom mais filosófico de uma poética da experiência espriam-se nas palavras da autora: “A sua face transpôs os temporais/O vento azul rolou entre os seus braços/A penumbra subiu e rodeou/O seu rosto aceso as suas mãos iguais” (ANDRESEN, 1985, p. 71).

A Noite e a Lua – “Toma-se ó noite em teus jardins suspensos/Em teus pátios de luar e de silêncio/Em teus adros de vento e de vazio [...]”. O gosto pelo noturno alia-se ao canto sentimental, queixa e ausência do ser amado identificados no poema *Em Nome*: “Em nome da tua ausência/Construí com loucura uma grande casa branca/E ao longo das paredes te chorei” (ANDRESEN, 1977, p. 16). Além disso, muitos poemas dialogam com a tradição grega: Eurydice, Teseu, Os gregos, O rei de Ítaca e Grécia. Em outro momento, a autora revisita o mundo de escritores portugueses como: Camões, Cesário Verde e Fernando Pessoa⁴, e, também os escritores brasileiros: Cecília Meireles e Manuel Bandeira e Murilo Mendes.

A memória, o tempo, a infância e a fisionomia do espaço são os fios condutores de um trabalho perspicaz, denso e artístico na autora. Não por acaso, escolhemos estudar os sentidos da Casa como alegoria de um espaço poético à luz do pensamento de Bachelard. Assim sendo, o estudo aqui proposto objetiva compreender de que maneira os poemas selecionados se filiam ao trabalho artesanal memorialístico, e, por fim, como o sujeito da enunciação⁵, em diferentes instâncias, percorre os sentidos da Cabana, enquanto espaço devaneante.

⁴ O livro que temos em mãos, *Sophia Andresen: leitura de Camões, Cesário Verde e Fernando Pessoa* (2001) corresponde ao trabalho de doutoramento de Márcia Barbosa em que se observa a estreita proximidade da obra de Andresen com as obras dos referidos autores.

⁵ Usamos a terminologia sujeito da enunciação que é a forma usual dos estudos da lírica moderna contemporânea para tratar da noção de subjetividade na teoria do lírico, assim profere Käte Hamburger (1986) em a *Lógica da criação literária*.

PIMENTEL, Danieli dos Santos; SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme dos. Sophia Andresen: a casa, os porões da memória e o sentido da cabana. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

“A CASA QUE EU AMEI FOI DESTROÇADA...”

A casa

A casa que eu amei foi destroçada
A morte caminha no sossego do jardim
A vida sussurrada na folhagem
Subitamente quebrou-se não é minha [...]
Sophia Andresen – *Dual* (1977)

Poético e memorialístico é o primeiro verso do poema acima. Evoca a imagem primordial do espaço íntimo, a Casa. A voz lírica confessa a inexistência do ambiente físico imagetivamente borrado pela penumbra do passado. A Casa é guardiã e protetora dos tempos imemoriais. Fisicamente, a Casa já não existe, e a morte espreita os seus arredores, estas são algumas imagens que os versos inferem numa primeira leitura.

No poema, as imagens transmitem o sentimento de solidão e de impossibilidades em meio aos lugares de memória, a Casa com seus jardins sossegados já não existe a não ser na memória do eu-lírico. Restam as recordações dos momentos e a angústia da vida fugaz – metáfora da “vida sussurrada na folhagem” – que o poema sugere em paralelo com a fragilidade de algo quebrado, partido ou esfacelado, a memória da primeira Casa amada e destroçada.

O poema apresenta a imagem⁶ da Casa e a dimensão profunda que reside no interior do espaço habitado. A Casa aqui, não pode ser entendida como um simples espaço habitacional, pois resguarda muitas sensações ali dentro vividas. Esse espaço é, antes de tudo, a morada primordial que acolhe a vida desde o seu nascimento, acolhedor de “todos os valores e particularidades”, assim observa Bachelard (1978, p. 207):

A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. Num e noutro caso, provaremos que a imaginação aumenta os valores da realidade. Uma espécie de atração concentra as imagens em torno da casa. Através das lembranças de todas as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas em que já desejamos morar, podemos isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificativa para o valor singular que atribuímos a todas as nossas imagens de intimidade protegida?

O mesmo Bachelard (1978) irá nos dizer que não podemos “considerar a casa como um mero objeto”. Para a fenomenologia, é preciso “superar os problemas” descritivos, caráter objetivo que se

⁶ A imagem aqui deve ser entendida na conforme acepção de Octavio Paz (1996, 37-38) em *Signos em rotação*. O conceito de Imagem que o autor propõe tem a ver com “produtos imaginários”. Para o autor, cada “imagem – ou cada poema composto de imagens – contém muitos significados contrários ou díspares, aos quais abarca ou reconcilia sem suprimi-los”.

PIMENTEL, Danieli dos Santos; SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme dos. Sophia Andresen: a casa, os porões da memória e o sentido da cabana. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

atribui às Casas, a “função primeira de habitar”. A ideia é seguir um caminho inverso, diferentemente de uma captação meramente descritiva, como operam os geógrafos e os etnógrafos, o que faz um fenomenólogo não é senão “compreender o germe da felicidade central, seguro e imediato. Encontrar a concha inicial, em toda moradia” (BACHELARD, 1978, p. 199). Vejamos essas imagens no poema a seguir:

A noite e a casa

A noite reúne a casa e o seu silêncio
Desde o alicerce desde o fundamento
Até a flor imóvel
Apenas se ouve bater o relógio do tempo

A noite reúne a casa a seu destino

Nada agora se dispersa se divide
Tudo está como o cipreste atento

O vazio caminha em seus espaços vivos

(ANDRESEN, 1990, p. 30)

O primeiro verso apresenta o desenho da Casa e do silêncio que desce sobre a noite calma e tranquila. O sujeito lírico revela a imobilidade que ambiente oferece. O poema é desprovido de ação e movimento, tudo nele parece inerte, desde as flores e o cipreste que não se movem nem mesmo pela ação do vento. O silêncio paira noturno dentro e fora da grande Casa. Lá fora, o jardim é solitário e sem ruídos. No interior, o relógio demarca o tempo.

A Casa não implica apenas o modo de habitar. Eis a questão que interessa a toda fenomenologia, os “fenômenos psicológicos de primeira ordem”. Conforme Bachelard (1978), há uma psicologia no interior dos ambientes internos, algo oculto e que não se mostra a primeira vista, é preciso que nos demoremos nos detalhes. Cada objeto ali bem disposto implica numa memória construída, um sentido de, ter sido, ali repousado. Mais que isso, as Casas revelam a intimidade de seus moradores. Pertences, objetos, louças, roupas, e, até os utensílios preservam valores. Quinquilharias e ninharias de todas as Casas pertencem a uma “realidade profunda” e não podem ser simplesmente, relegadas ao plano das inutilidades, há um enigma perdido em algum canto da Casa. Muitas vezes, as velhas Casas que nos abrigam no verão e no frio, também nos protegem da solidão e do abandono.

Como explicar as nossas fixações por lugares, alguns já não mais habitados e outros que já não o revisitamos a não ser pelo poder da memória? Ou quantas vezes, nos instalamos numa Casa e nela nos demoramos bem mais do que deveríamos? Tantas vezes, cultivamos nos quintais plantas de raízes profundas que se embrenham “rizomáticas” na profundidade da terra. Quando é chegada a hora de mudar ficam plantadas ali. Difícil é a tarefa de arrancar espécies de raízes profundas e por isso, resistem às ações tempestivas do tempo. A raiz fincada na terra é a memória do espaço habitado, uma vez ali depositado, acompanha a história de uma vida inteira. A maioria das plantas se renova após a poda. Pequenos brotos arrebentam ressurgem nas reentrâncias dos galhos, assim é a memória dos lugares e dos quintais da infância, deixados numa Casa qualquer batem à porta para uma visita frequente. Daí a dificuldade de rupturas com as antigas moradas, todavia, diferentes relações são construídas dentro desses ambientes. Toda morada é também uma forma dialética de contracenar com o mundo lá fora, pois,

quantos problemas conexos encontraremos se quisermos determinar a realidade profunda de cada um dos matizes de nossa atração por um lugar escolhido! [...] É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo” (BACHELARD, 1978, p. 200).

O poema *A casa terra* traduz o sentimento do enraizamento que outrora já vimos em outro verso de *A noite a casa*: “Desde o alicerce desde o fundamento”:

A casa térrea

Que a arte não se torne para ti a compensação daquilo que não soubeste ser
Que não seja transferência nem refúgio
Nem deixes que o poema te adie ou divida: mas que seja
A verdade do teu inteiro estar terrestre

Então construirás a tua casa na planície costeira
A meia distância entre montanha e mar
Construirás – como se diz – a casa térrea –
Construirás a partir do fundamento

(ANDRESEN, 1977, p. 35).

No poema, palavras e expressões como: “alicerce”, “fundamento”, “refúgio”, “inteiro estar”, “tua casa”, “casa térrea” evocam aquilo que Bachelard traduz como “canto do mundo”, a Casa como esse “canto do mundo” capaz de abrigar das mais terríveis tempestades. É sabido que as primeiras Casas constituem nossos primeiros mundos, cosmologia de um universo que se forma no seio das PIMENTEL, Danieli dos Santos; SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme dos. Sophia Andresen: a casa, os porões da memória e o sentido da cabana. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

habitações da infância. Os ambientes de nossa infância são sempre os mais amplos quando lembrados. A noção geográfica dos lugares está imbuída de grandes extensões de salas, cômodos e corredores quase infinitos que passeiam pela memória dos tempos antigos.

Em *Carta a Rubem A* Sophia Andresen reconstrói a imensidão desses espaços. A notícia da morte (primeiro verso) que se anuncia nos primeiros versos confirma toda a complexidade do momento vivido. A lembrança do ente é reavivada de acordo com as situações descritas, ali vivenciadas nos primeiros anos da infância. No décimo primeiro verso, outra vez, observamos a imensidão do espaço e a recorrência dos verbos (no passado) confirma a passagem do tempo:

Carta a Rubem A.

Que tenhas morrido é ainda uma notícia
Desencontrada e longínqua e não a entendo bem
Quando – pela última vez – bateste à porta da casa e te sentaste à mesa

Trazias contigo como sempre alvoroço e início
Tudo se passou em planos e projectos
E ninguém poderia pensar em despedida

Mas sempre trouxeste contigo o desconexo
De um viver que nos funda e nos renega
– Poderei procurar o reencontro verso a verso
E buscar – como oferta – a infância antiga

A casa enorme vermelha e desmedida
Com seus átrios de pasmo e ressonância
O mundo dos adultos nos cercava
E nos jardins subia a transbordância
De rododendros dalias e camélias
De frutos roseiras musgos e tílias

As tílias eram como catedrais
Percorridas por brisas vagabundas
As rosas eram vermelhas e profundas
E o mar quebrava ao longe entre os pinhais

Morangos e muguet e cerejeiras
Enormes ramos batendo nas janelas
Havia o vaguear tardes inteiras

(ANDRESEN, 1977, p. 59).

A recorrência das muitas Casas na poética de Sophia Andresen engendra uma psicologia íntima e profunda de fazer reviver antigos lugares de memória. Os mais remotos “espaços de recordação” perfazem a lírica de diferentes vozes assim muito bem dispostas nas implicações desses PIMENTEL, Danieli dos Santos; SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme dos. Sophia Andresen: a casa, os porões da memória e o sentido da cabana. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

espaços narrados. Há uma poética do espaço muito peculiar na descrição dos lugares ficcionalizados pela autora e que de certa forma, exercita, do ponto de vista, da arte o pensamento filosófico de Bachelard (1978, p. 200): “Os escritores de “aposentos simples” evocam com frequência esse elemento da poética do espaço”.

O POEMA E OS PORÕES DA MEMÓRIA

Casa

A antiga casa que os ventos rodearam
Com suas noites de espanto e de prodígio
Onde os anjos vermelhos batalharam [...]
Sophia Andresen – *Geografia* (1990)

Junto com poética do espaço que encontramos nas Casas de Sophia Andresen, seus poemas brotam como grandes extensões da memória. Por vezes, as imagens das Casas ganham corpo nas memórias de infância; dispersam-se ao longo de sua poética, o desenho de antigas Casas. Velhas casas encobertas pela atmosfera fria e noturna que o presente não consegue extinguir por completo:

Casa

A antiga casa que os ventos rodearam
Com suas noites de espanto e de prodígio
Onde os anjos vermelhos batalharam

A antiga casa de inverno em cujos vidros
Os ramos nus negro se cruzaram
Sobre o íman dum céu lunar e frio

Permanece presente como um reino
E atravessa meus sonhos como um rio

(ANDRESEN, 1990, p. 47).

Chamamos de porões de memória os antigos espaços ocultos que brotam dos versos da escritora. Os poemas de Sophia Andresen recriam a metáfora do inconsciente humano e dentro deles (dos poemas) perpassam diferentes arquivos de memória. Poemas-memória empilhados em grandes porões que podem ser acessados por meio da reminiscência dos estados poéticos de sua obra. Sobre a arte da Memória, recorremos a Paul Ricouer (2007) que empreendeu importantes incursões pelo tema. A obra, *A memória, a história, o esquecimento* comporta as três vertentes principais da memória como fonte da mais nova historiografia contemporânea.

Não obstante, o autor se debruça nas figurações do “espaço habitado”, fator que implica, de certa maneira, nos problemas do espaço em Sophia Andresen. Podemos assim dizer que a poética do

espaço é uma realidade viva que se fundas na linguagem de seus poemas. As vozes líricas formam um colorido de imagens que narram tempos e os espaços habitados pela memória. O poema abaixo se aproxima da assertiva de Ricoeur (2007) ao reconhecer que toda forma de habitação, implica necessariamente, uma relação corpórea com o espaço:

A luz e a casa

Em redor da luz
Com sombras e brancos
A casa se procura

Minhas mãos quase tocam
O branco respirar
Da sua atenção pura

(ANDRESEN, 1990, p. 29)

Ao serem habitados, os espaços são regidos por “deslocamentos do corpo”, diferentes simulações e percepções – para lembrar aqui a relação que o mesmo Ricoeur estabelece com a *Estética transcendental* kantiana, com a *Fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty e também com a *Poética do espaço*, de Bachelard (1978, p. 200):

todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa [...] veremos a imaginação construir “paredes” com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de proteção ou, inversamente, tremer atrás de um grande muro, duvidar das mais sólidas muralhas. Em suma, na mais interminável dialética, o ser abrigado sensibiliza os limites se seu abrigo. Vive a casa em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos. Por consequência, todos abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores de onirismo consonante⁷.

No quarto

No quarto roemos o sabor da fome
A nossa imaginação divaga entre paredes brancas
Abertas como grandes páginas lisas.
O nosso pensamento erra sem descanso pelos mapas
A nossa vida é como um vestido que não cresceu

connosco

(ANDRESEN, 1990, p. 42).

Daí a aproximação realizada por este estudo na tentativa compreender como os poemas de Sophia Andresen recriam a simbologia dos lugares e habitações, relacionados, sobretudo, com os

⁷ Para o mesmo Bachelard (1943, p. 02) em *O ar e os Sonhos*, a “imaginação não é um estado, é a própria existência”. PIMENTEL, Danieli dos Santos; SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme dos. Sophia Andresen: a casa, os porões da memória e o sentido da cabana. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

estudos fenomenológicos de Bachelard e memorialísticos ricoeuriano, como lemos na citação a seguir:

A investigação do que significa “lugar” encontra apoio na linguagem comum que conhece expressões como localização e deslocamento, expressões que costumam vir em pares. Elas falam de experiências vivas do corpo próprio [...] os deslocamentos do corpo e mesmo a sua manutenção do lugar não se deixam nem dizer, nem pensar, nem sequer, no limite, experimentar, sem alguma referência, ao menos alusiva, aos pontos, linhas, superfícies, volumes, distâncias, inscritos em um espaço [...] o ato de habitar não se estabelece senão pelo ato de construir. (RICOEUR, 2007, p. 158).

Aleida Assmann (2011) em *Espaços da recordação* também dedica um capítulo de sua obra sobre “A memória dos locais”, e, nesse ponto, acreditamos que podemos aproximar, não só a teoria de Ricoeur a despeito do “espaço habitado”, mas, inclusive, a reflexão proposta pela autora com vistas a observar como a complexidade da “memória e dos locais” habitados perpassa o conjunto de poemas sobre o assunto.

É evidente que a Casa em si, já se configura como esse importante e intricado lugar de memória, pois guarda, não só as impressões do espaço e tudo o que nele contém, mas também a memória viva dos fatos. O poema *Portas da vila* forma esse denso tecido onde a memória, juntamente, com outros espaços é evocada:

Portas da vila

I

A casa está na tarde
Actual mas nos espelhos
Há o brilho febril dum tempo antigo
Que se debate emerge balbucia

II

Com um barulho de papel o vento range na palmeira
O brilho das estrelas suspende nosso rosto
Com seu jardim nocturno de paixão e perfume
A casa nos invade e nos rodeia.

III

A casa vê-se de longe porque é branca
Mas sombrio
É o quarto atravessado pelo rio

IV

PIMENTEL, Danieli dos Santos; SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme dos. Sophia Andresen: a casa, os porões da memória e o sentido da cabana. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

A casa jaz com mil portas abertas
O interior dos armários é obscuro e vazio
A ausência começa poisando seus primeiros passos
No quarto onde poisei o rosto sobre a lua

(ANDRESEN, 1990, p. 49).

Assmann (2011, p. 317) se utiliza de uma frase de Cícero para reiterar a força da memória dos lugares: “Grande é a força da memória que reside no interior dos locais”. Posteriormente, da mesma frase nos servimos para ratificar a poética do espaço que sobrevive na linguagem andreseniana. A Casa como lugar de memória comporta em si outros cômodos, entre eles o quarto, ambiente ainda mais íntimo evocado na voz poética – “O interior dos armários é escuro e vazio” – além do quarto, e dos objetos assim dispostos, os armários são como as “caixas mnemônicas” e formas de arquivos a que se refere Assmann (2011, p. 133): “A caixinha associa a memória a refúgio, proteção, recipiente”.

É importante observar que a Casa vista como esse lugar de memória, não só alude a um espaço cultural, como também resguarda a memória do presente, condensa a “força simbólica” do espaço e memória dos entes queridos, quase sempre, faz ressurgir a lembrança da família, assim identificamos nos próximos excertos: “A ausência começa poisando seus primeiros passos”. Segundo Assmann (2011, p. 319-320),

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos [...] O que dota determinados locais de uma força de memória especial é antes de tudo sua ligação fixa e duradoura com histórias de família. O fenômeno de tais ‘locais da família’ ou ‘locais de gerações’.

Armário-arca onde se depositam os tesouros da memória. São os poemas de Sophia Andresen como enorme Casas onde cada cômodo possui um segredo insondável a ser desvendado, um devaneio poético que reconhece na infância os momentos de solidão: “Toda a vida é sensibilizada para o devaneio poético, para um devaneio que sabe o preço da solidão. A infância conhece a infelicidade pelos homens. Na solidão a criança pode acalmar os seus sofrimentos. Ali ela se sente filha do cosmo” (BACHELARD, 2006, p. 94).

Pequenas relíquias guardadas em pequenas caixas ali depositadas no fundo dos armários, fruto desse contato mais íntimo com os poemas, fomos abrindo portas, janelas, armários, gavetas e pequenas caixas, e, de dentro deles saltaram os poemas, os desenhos e as infinitas Casas.

PIMENTEL, Danieli dos Santos; SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme dos. Sophia Andresen: a casa, os porões da memória e o sentido da cabana. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

OS SENTIDOS DA CABANA

Era uma vez uma casa branca nas dunas, voltada para o mar. Tinha uma porta, sete janelas e uma varanda de madeira pintada de verde. Em toda casa havia um jardim de areia onde cresciam lírios brancos e uma planta que dava flores brancas, amarelas e roxas [...]
Sophia Andresen – *A Menina do Mar* (1998)

Que sentidos carregam as Cabanas na poética de Sophia Andresen? O sentido do sonho e do devaneio que se funda no tempo imemorial da primeira morada e da mais “antiga memória” que se insurge em sua lírica. Assim, dirá Bachelard (1978) por meio de um ditado: “Carregamos na casa nossos deuses domésticos”. Achamos que apenas nós temos o poder de guardar a Casa dentro de nossas memórias, mas a Casa também nos guarda do frio, do calor e das tempestades. Abriga-nos dos perigos noturnos e à noite permite a entrada em outro universo, o do sonho. Seria esse o primeiro sentido da Cabana em Sophia Andresen, o direito de sonhar que se apresenta em seus poemas.

Muitas são as Casas que nos abrigam por toda a vida. Os sentidos são múltiplos porque os habitantes também são variados. Enquanto uns guardam mais lembranças do passado, outros preferem, por diversos motivos, desvencilham-se da memória dos lugares. Quantas vezes, já instalados em outras moradas, as velhas Casas da infância assaltam o nosso presente? De acordo com Bachelard (1978, p. 201):

Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradias, viajamos até o país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. Alguma coisa fechada deve guardar as lembranças deixando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida.

O sentido da cabana que vimos nos poemas de Sophia Andresen demarca esse sentimento em relação às antigas moradas da tenra idade. Diferentes vozes rememoram esses “espaços de recordação”: “A casa que eu amei foi destroçada”. As Casas implicam uma relação viva do corpo no interior desses ambientes. Nesse sentido, os poemas agem sob à égide da magia ao possibilitar o voo mais alto dentro dos ambientes narrados e recuperados pela reminiscência: “Pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo” poético do espaço da casa (BACHELARD, 1978, p. 201). Vejamos o poema a seguir:

PIMENTEL, Danieli dos Santos; SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme dos. Sophia Andresen: a casa, os porões da memória e o sentido da cabana. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

Vela

Em redor da luz
A casa sai da sombra
Intensamente atenta
Levemente espantada

Em redor da luz
A casa se concentra
Numa espera densa
E quase silabada

Em redor da chama
Que a menor brisa doma
E que um suspiro apaga
A casa fica muda

Enquanto a noite antiga
Imensa e exterior
Tece seus prodígios
E ordena seus milênios
De espaço e de silêncio
De treva e de esplendor

(ANDRESEN, 1990, p. 28)

Aqui, o principal sentido da Casa, tendo como exemplo, o poema – *Espera* – é o devaneio que ele promove. O sujeito lírico deixa-se conduzir pelo silêncio da Casa, deseja estar só com a imensidão do espaço. É noite e tudo repousa no mais absoluto silêncio, momento propício para a entrega do delírio e do sonho. A Casa abriga a calma e o sonho, ao mesmo tempo em que “protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz”, palavras do próprio (BACHELARD, 1978, p. 201). Desse modo, as casas são sempre vazias, longas salas amplas, corredores vazios e poucas pessoas ocupam esses espaços. As Casas são fantasmáticas, recriadas na imaginação do sujeito lírico:

Espera

Deito-me tarde
Espero por uma espécie de silêncio
Que nunca chega cedo
Espero a atenção a concentração da hora tardia
Ardente e nua
É então que os espelhos acendem o seu segundo brilho
É então que se vê o desenho do vazio
É então que se vê subitamente
A nossa própria mão poisada sobre a mesa

PIMENTEL, Danieli dos Santos; SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme dos. Sophia Andresen: a casa, os porões da memória e o sentido da cabana. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

É então que se vê o passar do silêncio

Navegação antiquíssima e solene

(ANDRESEN, 1990, p. 31).

O sentido da Cabana em Sophia Andresen apresenta aquilo que Bachelard (1978) chamou de poder de integração por meio da Casa e dos devaneios que ela permite. A integração está relacionada com o devaneio, ao passo que a Casa, com o seu poder de fixidez, permite ao homem fixar laços mais profundos com os espaços, do contrário, “o homem seria um ser disperso”. As diferentes temporalidades é que vão permitir o seu dinamismo. A Casa é esse lugar primeiro onde os primeiros passos do homem encontram as suas raízes e os seus vínculos e nesse ponto, Bachelard (1978, p. 201) tem razão quando diz que, “A vida começa bem; começa bem fechada, protegida, agasalhada no seio da casa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poética de Sophia Andresen se apresenta aos leitores a partir de uma diversidade de temas que perpassam pela tradição literária portuguesa, algo que é recorrente nos poetas e escritores do modernismo em Portugal, como bem temos o exemplo em Fernando Pessoa. Além disso, sua poesia se ramifica em temáticas que abrangem os espaços que configuram trânsitos da memória presente numa poética que percorre os cômodos e se transfiguram em lirismo puro. Tais espaços existem dentro de uma perspectiva poética no âmbito da metáfora. Ao mesmo tempo, configuram dimensões do inconsciente que tomam forma de “porões” que guardam a memória poética. Noutra perspectiva, a Cabana proporciona a tranquilidade de estar só e apenas na companhia da noite silenciosa. Desse modo, o sentido da Casa alia-se, num primeiro plano, ao silêncio de que falam muitos poetas sobre a relação entre poesia e silêncio, há uma poesia do silêncio e da solidão que habita a poética dos espaços narrados por Sophia Andresen.

As diferentes vozes que encontramos em Sophia Andresen revelam, além de um panorama universal a respeito da condição humana, apresentam questões de ordem mais específicas como a íntima relação com os elementares da natureza e com os animais. Recorre à Mãe terra e mãe Natureza como formas de revelar imagens e recriar recursos sinestésicos e sensoriais em suas obras.

REFERÊNCIAS

PIMENTEL, Danieli dos Santos; SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme dos. Sophia Andresen: a casa, os porões da memória e o sentido da cabana. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *O nome das coisas*. Moraes Editores, 1977.
- _____. *Dual*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.
- _____. *Geografia*. Lisboa: Edições Salamandra, 1990.
- _____. *A Menina do Mar*. Imprensa: Ramos dos Santos & Cia. Porto, 1998.
- BACHELARD, Gaston. *O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1943.
- _____. *A poética do espaço*. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *A Poética do Devaneio*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BARBOSA, Márcia. *Sophia Andresen: leitora de Camões, Cesário Verde e Fernando Pessoa*. Passo Fundo: UPF, 2001.
- _____. Navegação sem mapa: a história na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. In: **Poetas que interessam mais: leituras da poesia portuguesa pós-Pessoa**. (Org.). Ida Alves, Luis Maffei. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.
- HAMBURGER, Käte. **A lógica da criação literária**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François [et al.]. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.